

ESPAÇOS PÚBLICOS E TERRITORIALIDADES: UM ESTUDO DE CASO DA PRAÇA SILVEIRA MARTINS EM BAGÉ – RIO GRANDE DO SUL

MORIGI, Josimari de Brito¹

Recebido (Received): 23-02-2019 Aceito (Accepted): 12-12-2019

Como citar este artigo: MORIGI, J. de B. Espaços públicos e territorialidades: um estudo de caso da Praça Silveira Martins em Bagé – Rio Grande do Sul. **Formação (Online)**, v. 27, n. 50, p. 149-174, 2020.

Resumo

Nas últimas décadas, os espaços públicos urbanos têm sido objeto de estudo de diversas pesquisas científicas, visto que, esses espaços são moldados, transformados e adaptados a partir do uso habitual que a vida se efetiva. As praças públicas caracterizam-se como locais de grande valor histórico, cultural e de interação social, sendo, portanto, elementos fundamentais na configuração urbana, consistindo em um dos mais importantes espaços públicos da história das cidades brasileiras. Vale destacar que, as territorialidades no espaço urbano, mais especificamente nas praças públicas, manifestam-se na escala micro, as quais são realizadas por diferentes agentes sociais, os quais implicarão em usos diversificados do (micro) território urbano, expressando desse modo os diferentes usos da praça. A pesquisa tem como objetivo analisar as diversas territorialidades que se constroem na Praça Silveira Martins, localizada no centro urbano de Bagé-RS, destacando sua funcionalidade ambiental, paisagística e social para os moradores da referida cidade. Como procedimentos metodológicos adotaram-se a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo na praça escolhida para o estudo e a realização de entrevistas com os frequentadores da praça, com o objetivo de realizar observações referentes ao uso, à função, à qualidade paisagística e de infraestruturas e mobiliários deste logradouro e também para a realização de registros fotográficos.

Palavras chave: Espaços Públicos. Praças. Territorialidades. Praça Silveira Martins.

PUBLIC SPACES AND TERRITORIALITIES: A CASE STUDY OF SILVEIRA MARTINS SQUARE IN BAGÉ - RIO GRANDE DO SUL

Abstract

Over the last decades, urban public spaces have been the subject of study of various scientific researches, since these spaces have been shaped, transformed and adapted from customary use that life takes hold. Public squares are characterized, as places of great historical and cultural value, and of social interaction, are therefore, key elements on urban design consisting of one of the most important public spaces of Brazilian cities' history. It is worth noting that the territoriality in urban areas, especially in public squares, manifest themselves on a micro-scale, which are carried out by different actors in society, which shall entail in many ways the uses of (micro) urban territory, thereby expressing different uses of the square. The research aims at analyzing the various territorialities built at the Praça Silveira Martins located in downtown Bagé-RS, highlighting its environmental, landscape and social functionality for the residents of that city. As a methodological procedure, we adopt bibliographic research, the field search in the square chosen for the study, and conducted interviews with those who frequent the square, in order to make comments concerning use, function, quality landscaping and infrastructure and furniture of this street and for photographic recordings.

Keywords: Public Spaces. Places. Territorialities. Silveira Martins Square.

ESPACIOS PÚBLICOS Y TERRITORIALIDADES: ESTUDIO DE CASO DE LA PLAZA SILVEIRA MARTINS EN BAGÉ - RIO GRANDE DEL SUR

¹ Universidade Estadual do Paraná, Administração, Campo Mourão, Brasil, josimorigi@gmail.com

Resumen

En las últimas décadas, los espacios públicos urbanos han sido objeto de estudio de diversas investigaciones científicas, ya que, esos espacios son moldeados, transformados y adaptados a partir del uso habitual en que la vida se materializa. Las plazas públicas se caracterizan como lugares de gran valor histórico, cultural y de interacción social, siendo así, elementos fundamentales en la configuración urbana, constituyéndose en uno de los más importantes espacios públicos de la historia de las ciudades brasileñas. Es importante destacar que las territorialidades en el espacio urbano, más específicamente en las plazas públicas, se manifiestan en la escala micro, siendo realizadas por diferentes agentes sociales, los cuales implicarán en usos diversificados del (micro) territorio urbano, expresando de ese modo los diferentes usos de la plaza. La investigación tiene como objetivo, analizar las diversas territorialidades que son construidas en la Plaza Silveira Martins, ubicada en el centro urbano de Bagé-RS, destacando su funcionalidad ambiental, paisajística y social para los habitantes de dicha ciudad. Como procedimientos metodológicos fueron adoptados la revisión bibliográfica, el trabajo de campo en la plaza elegida para el estudio, así como, la realización de entrevistas con sus usuarios, con el objetivo de realizar observaciones referentes al uso, la función, calidad paisajística y de infraestructuras, y el mobiliario de la zona, acompañado de la recopilación de registros fotográficos.

Palabras clave: Espacios Públicos, Plazas, Territorialidades, Plaza Silveira Martins.

1 Introdução

Existem os mais variados tipos de praças em todo o mundo, ou seja, há praças grandes, pequenas, modernas, arcaicas, frequentadas, vazias, bonitas e feias. Elas praticamente estão presentes em todas as cidades e constituem espaços públicos importantes à estruturação urbana desde os tempos mais remotos. A sua essência contém várias funções, usos, histórias e vivências. De forma geral, pode-se dizer que as praças públicas são espaços de lazer e de práticas sociais, são efetivamente territórios públicos citadinos.

Em relação à origem das praças, é importante destacar que, conforme enfatiza Robba e Macedo (2003), o espaço urbano considerado como precursor das praças foi a “ágora”, na Grécia. A “ágora” grega como o próprio termo evidencia, consistia em um espaço aberto, que normalmente era delimitado por um mercado, no qual as pessoas comumente praticavam a democracia direta, visto que aquele era o local onde os cidadãos realizavam discussão e debate entre si.

Ademais, cabe mencionar que alguns autores tais como Robba e Macedo (2003); Bovo e Amorim (2010) destacam que ao se estudar as praças brasileiras os pesquisadores devem considerar dois conceitos essenciais para esses espaços, os quais são: o uso e a acessibilidade. O uso refere-se à utilidade de tais lugares enquanto espaços livres urbanos designados ao lazer e ao convívio da população, já a acessibilidade diz respeito ao fácil acesso por parte do cidadão, e ainda o fato destes espaços serem livres de circulação de veículos. De tal modo, a definição apresentada evidencia que as praças por se enquadrarem como espaços urbanos públicos, acabam por facilitar a sua apropriação pelas pessoas que as utilizam.

Morigi (2016) explana que desde a formação dos primeiros núcleos urbanos, as praças representam um referencial urbano caracterizado especialmente pela convivência humana. Por conseguinte, as praças configuram-se como um elemento de relevância histórica, cultural e social no espaço urbano, e tal elemento se faz presente na grande maioria das cidades brasileiras. Contribuindo com o exposto, Reis Filho (1968) assevera que no Brasil a presença de praças e largos não é algo recente, haja vista que suas primeiras construções foram realizadas ainda nos primeiros séculos da colonização. Lembrando que esses espaços públicos eram bem valorizados aos olhos da sociedade e dos gestores municipais, pois recebiam notória atenção por parte dos principais administradores, especialmente por constituir importantes pontos de atenção e focalização urbanística, e geralmente eram construídos nas áreas da cidade onde a arquitetura apresentava maior esmero, representando importantes pontos de concentração da população.

Nessa mesma linha de raciocínio, Bovo (2009) ressalta que as primeiras praças brasileiras foram construídas em sua grande maioria, ao entorno de igrejas, e se configuravam como importantes espaços de convívio social, pois representavam os primeiros espaços livres públicos urbanos. Por conta de suas influências no contexto urbano, as praças acabaram servindo como fatores atrativos para a ampliação das atividades urbanas, sobretudo por meio da implantação de melhores infraestruturas, construção de residências luxuosas, de prédios públicos e de centros comerciais, além de servir como espaço de convivência da comunidade e de conexão maior desta com a igreja.

Conforme destaca Morigi (2016), as praças enquanto espaços públicos possuem um papel de notória importância dentro do espaço urbano, sendo que esta relevância está atrelada tanto às suas funções sociais e culturais, como também às suas funções paisagísticas, ambientais e estéticas. Além disso, algumas praças brasileiras também apresentam grande contribuição histórica, pois estão intrinsecamente ligadas à própria história de formação do espaço urbano de diversas cidades brasileiras, tal como a Praça Silveira Martins, localizada no centro urbano de Bagé-RS.

Nesse sentido, o presente artigo almeja apresentar uma análise circunstanciada da praça supramencionada, evidenciando a sua relevância histórica para a formação do espaço urbano de Bagé, e ainda, elencando as diversas territorialidades estabelecidas nesta praça, destacando ainda sua funcionalidade ambiental, paisagística e social para os moradores da referida cidade.

2 Metodologia

A primeira fase da pesquisa foi marcada pelo levantamento bibliográfico de teses, dissertações, livros e artigos científicos que abordam a temática a respeito das praças públicas, com o intento de se alcançar uma fundamentação teórica que fornecesse o suporte necessário para a elaboração do presente estudo.

Ao passo que a segunda etapa da pesquisa foi marcada pela aplicação de um formulário, visando o levantamento das estruturas físicas e dos equipamentos existentes na Praça Silveira Martins. Salienta-se que esta etapa abrangeu quatro tipos de levantamentos: a) quantitativo de equipamentos e infraestruturas; b) quantitativo da vegetação. c) avaliação qualitativa de equipamentos e infraestruturas; d) avaliação qualitativa de vegetação. Sendo que o formulário era constituído pelas seguintes informações: nome da área, localização, vegetação existente, cobertura do solo, porte e densidade da vegetação, aspectos físicos e sanitários da vegetação, condições do relevo, tipo de ocupação nas proximidades e qualidade paisagística da Praça Silveira Martins.

É importante destacar que para o desenvolvimento deste estudo, se fez necessário o estabelecimento de alguns parâmetros fixos de avaliação, especialmente para a análise das condições de conservação, da disponibilidade de uso, do conforto, da funcionalidade, da qualidade do material utilizado, da manutenção, entre outras características. Os parâmetros de avaliação utilizados neste estudo foram elaborados a partir do método desenvolvido por De Angelis (2000).

Posteriormente, realizou-se algumas entrevistas por meio de uma conversação informal, conforme supracitado, onde se escolheu nove pessoas que estavam presentes na Praça Silveira Martins durante o trabalho de campo realizado pela autora. A escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória, buscando, no entanto, abordar pessoas de diversas faixas etárias e dos sexos feminino e masculino.

De modo geral, este estudo foi marcado pela realização de um diagnóstico da situação geral da Praça Silveira Martins, partindo sobretudo, da avaliação quantitativa e qualitativa direta, que permitiu a identificação e a descrição dos equipamentos e mobiliários existentes naquele logradouro, isto é: bancos, luminárias, monumentos artísticos, pisos, entre outros. Durante o trabalho de campo também foram realizados registros fotográficos do logradouro. Após ter sido concluída a pesquisa de campo, foi realizada a tabulação dos dados obtidos, o que proporcionou uma análise quantitativa e qualitativa mais precisa do logradouro em estudo.

Salienta-se ainda que para demonstrar de forma mais adequada os aspectos qualitativos das estruturas e dos equipamentos, adotou-se um grupo de símbolos (Quadro 1), que constituem a proposta metodológica desenvolvida por (BOVO, 2009), cujos significados são evidenciados por meio de quatro cores: a cor verde, representando as estruturas e equipamentos que se encontram em bom estado; a cor laranja, simbolizando as estruturas e equipamentos que se encontram em condições regulares; a cor vermelha, indicando os equipamentos e estruturas caracterizadas como ruins; e a cor preta, indicando as sugestões de implantação de equipamentos e estruturas.

Quadro 1 - Símbolos dos equipamentos e estruturas das praças

Equipamentos/Estruturas	Símbolos	Equipamentos/Estruturas	Símbolos
Bancos		Estacionamento	
Iluminação		Ponto de Ônibus	
Lixeiras		Ponto de táxi	
Sanitários		Quadra esportiva	
Telefone público		Aparelho de Exercícios físicos	
Bebedouro		Equipamento para terceira idade	
Ponto d'água		Parque infantil	
Pavimentação		Quiosque de alimentação	
Palco e coreto		Identificação do logradouro	
Espelho d'água -Fonte		Edificação institucional	
Templo religioso		Segurança	
Obra de arte		Banca de revista	

Fonte: BOVO, M.C. (2009, p. 36).

Ademais, vale mencionar que este estudo da Praça Silveira Martins se fundamentou em alguns conceitos básicos, considerados indispensáveis na compreensão das análises que se pretende abordar neste artigo.

3 Questões conceituais sobre a praça como um espaço de territorialidades

Nas últimas décadas, os espaços públicos urbanos têm sido objeto de estudo de diversas pesquisas científicas, realizadas por pesquisadores de diversas áreas da ciência, tais como geógrafos, sociólogos, historiadores, arquitetos, urbanistas, entre outros, visto que, são nesses

espaços moldados, transformados e adaptados a partir do uso habitual que a vida se efetiva. Em primeira instância é importante destacar que a importância das praças não está somente no fato delas se apresentarem como subespaço da cidade, mas principalmente, por representarem territórios dinâmicos que protagonizam o espetáculo da vida pública da sociedade em diferentes tempos históricos.

As praças públicas caracterizam-se como locais de significativo valor histórico, cultural e de interação social, representando, portanto, elementos fundamentais na configuração urbana, e constituindo um dos mais importantes espaços públicos da história das cidades brasileiras. De modo geral, a praça pode ser definida como um lugar de encontro, de interação social e de passagem. Historicamente as praças podem ser vistas, conforme enfatiza Silva (2008, p. 1) como “palco onde ocorrem às feiras, as encenações, festividades e às manifestações culturais, sociais, políticas, cívicas, esportivas, religiosas da cidade”. Vale destacar que, as territorialidades no espaço urbano, mais especificamente nas praças públicas, manifestam-se na escala micro, as quais são realizadas por diferentes agentes sociais, os quais implicarão em usos diversificados do (micro) território urbano, expressando desse modo os diferentes usos da praça.

Com a pretensão de contribuir com a compreensão das discussões que serão abordadas neste artigo, se faz necessário abordar o conceito de praça, o qual no entendimento de Marx (1980, p. 50), pode ser definido como:

Logradouro público por excelência, a praça deve sua existência, sobretudo, aos adros das nossas igrejas. Se tradicionalmente esta dívida é válida, mais recentemente a praça tem sido confundida como jardim. A praça como tal, para reunião de gente e para um sem número de atividades diferentes, surgiu entre nós, de maneira marcante e típica, diante de capelas ou igrejas, de conventos ou irmandades religiosas. Destacava, aqui e ali, na paisagem urbana estes estabelecimentos de prestígio social. Realçava-lhes os edifícios, acolhia os seus frequentadores (MARX, 1980, p. 50).

Nessa conjuntura, cabe enfatizar que na concepção de Coradini (1995, p. 12):

As praças surgem no cenário urbano como uma identidade própria, segundo o imaginário de cada época. Essa identidade corresponde às imagens e representações que são construídas a partir de diferentes discursos, usos, olhares que imprimem, a cada praça de cada cidade em diferentes épocas, diferentes significados.

As praças enquanto espaços públicos têm sido alvos de grande discussão no contexto atual, de maneira especial pelo fato de permitir a combinação de usos distintos em seus domínios, podendo inclusive, serem considerados territórios particulares do “cenário urbano”. Lembrando que este último, pode ser entendido como a interação inseparável entre a dimensão física e a dimensão comportamental dos espaços públicos (GOMES, 2008).

Analisado pela ótica do território, pode-se denominar esse processo como territorialização, visto que as relações humanas que ocorrem nas cidades e que se estabelecem e permitem a construção de territórios, tais como as praças públicas, acabam por se alimentar das trocas simbólicas cotidianas (HAESBAERT, 2011). Cabe a ressalva de que, as praças públicas por possibilitarem e contribuírem para a interação social e a contemplação da natureza, além de se caracterizarem como espaços que permitem as trocas simbólicas, elas também se caracterizam por ser *locus* de trocas sociais, culturais e naturais.

Vale salientar que a relevância de se abordar o território no contexto deste estudo, se dá pelo fato de que o espaço geográfico produzido pelo homem, é resultante de múltiplos anseios e desejos apresentados pelos grupos humanos (SANTOS, 2008).

Segundo Robba e Macedo (2003) no período contemporâneo, as praças apresentam-se, ainda que de forma resumida, como territórios da estética urbana, tendo como marcas principais os usos políticos do espaço público, que são marcados especialmente pelo lazer, pela recreação, pelo próprio convívio social, ou até mesmo, pela contemplação.

Além destes usos elencados por Robba e Macedo (2003), também é comum de se observar outros usos para as praças presentes em diversas cidades brasileiras, tais como a realização de comércio de produtos e serviços, dando margem à apropriação informal nas praças públicas.

Complementando as abordagens anteriores, Sun (2008, p. 23) explana que as praças públicas contemporâneas são “simultaneamente uma construção e um vazio, a praça não é apenas um espaço físico aberto, mas também um centro social integrado ao tecido urbano. Sua importância refere-se a seu valor histórico, bem como a sua participação contínua na cidade”.

Para Lima (2013, p. 43) “a praça pública não deve ser entendida apenas considerando sua configuração física, mas como um valor estético que contém uma dimensão social e simbólica. Somente assim conseguiremos apreendê-la em sua totalidade”.

Ainda no que tange a compreensão das praças públicas, vale enfatizar que Oliveira (2008, p. 226), acrescenta que “a compreensão das praças deve passar por todos os aspectos que formalizam a sua configuração espacial sobre um determinado lugar (terreno), que envolve legislação e política, localizações e entornos, forma e função, estrutura física e vegetativa e, finalmente, uso”.

Para abordar o conceito de espaço público foram escolhidos alguns autores que versam sobre esta temática, a saber: Gomes (2002), Barreto (1996), Serpa (2007), entre outros,

indicando a importância do mesmo como ‘espaço comum da sociedade’ e sua apropriação de forma imprópria, privando algumas pessoas de utilizá-lo.

Na concepção de Gomes (2002, p. 162 e 163),

Fisicamente, o espaço público é, antes de tudo, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. E do ponto de vista simbólico poderíamos dizer que esse espaço é composto pelo espetáculo da tensão entre a diferença e a possibilidade de coabitação.

Gomes (2002) ainda destaca que o espaço público é definido por normas que regulamenta um pacto civil e permite o convívio pacífico entre diferentes. Ademais, em tais espaços, os interesses particulares não podem se sobressair aos interesses coletivos. Contribuindo com o exposto, Serpa (2007, p.09), descreve que o espaço público deve ser compreendido como “[...] espaço de ação política da contemporaneidade, além de ser analisado sob a perspectiva crítica de sua incorporação como mercadoria para consumo de poucos [...]”. Ainda segundo Serpa (2007, p.16), citando Habermas, “[...] o espaço público seria o lugar por *excellence* do agir comunicacional, o domínio historicamente constituído da controvérsia democrática e do uso livre e público da razão”. Isso denota que, as manifestações coletivas, nos espaços públicos, tendem a sustentar espécies de condutas que se sucedem no tempo. Lembrando que estas podem transformar o próprio espaço e os indivíduos que nele atuam por meio de uma relação própria entre ação e estrutura, conforme destaca Silva e Massau (2015).

Conforme explana Bahia (2014, p. 126), o espaço público pode ser entendido como “um espaço que não se caracteriza unicamente pelo local físico-geográfico, pois não é só o *locus* ou só o “palco” onde as coisas acontecem, este é, sobretudo, um espaço socialmente produzido, contendo um significado simbólico para as pessoas”. Enquanto espaço físico, o espaço público pode ser uma praça, um parque, uma rua, um centro comercial, uma praia etc., por conseguinte, ressalta-se que a função de base apresenta pouca importância, haja vista que o elemento principal é que o espaço público seja um espaço onde não se tenha obstáculos, senão normas gerais e lógicas direcionadas para o acesso e a participação. Nesse ensejo, vale destacar que a definição de espaço público apresentado por Bahia (2014) corrobora com a noção de territorialidade elencada a seguir.

Já em relação aos conceitos de território e territorialidade, buscou-se analisar os estudos de alguns autores que discutem tais temáticas, a saber, Haesbaert (1997) e Haesbaert (2011), Souza (1995), Saquet (2004) e Raffestin (1993). Haesbaert (2011) define o território como um produto resultante da apropriação de um determinado segmento do espaço por um grupo social,

no qual são estabelecidas relações de controle, afetivas ou de pertencimento. As praças são espaços constituídos por múltiplas territorialidades e diferentes atores sociais que desempenham suas atividades individualmente, existindo, porém, um limite respeitado por todos. Nesse sentido, no presente estudo se busca compreender a Praça Silveira Martins tomando como referência as pessoas que a frequentam, considerando que elas tendem a fazer uso do espaço de acordo com as suas necessidades e aspirações, contudo, procura-se não se afastar do estudo das estruturas que a compõem, visto que as condições destas influenciam na qualidade da atividade humana nesse espaço.

Em síntese, a territorialidade de acordo com Souza (1995, p. 99) pode ser expressa pelas “relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial”. Portanto, a territorialidade se caracteriza pelas relações sociais que são projetadas no espaço, no qual os territórios se constituem e também se dissolvem.

Souza (1995) acrescenta ainda que os territórios podem tanto apresentar um caráter permanente, como também apresentar uma existência periódica, cíclica, marcada por uma alternância de territorialidade. Destaca-se ainda que, um determinado espaço pode ser apropriado por grupos específicos em horários diferenciados, logo, pode-se definir territorialidades diversificadas em um mesmo espaço.

Ao discorrer sobre a territorialidade Soja (1971) *apud* Raffestin (1993, p. 159) assevera que:

A territorialidade é definida como um fenômeno de comportamento associado à organização do espaço em esferas de influências ou em territórios nitidamente diferenciados, considerados distintos e exclusivos, ao menos parcialmente, por seus ocupantes ou pelos que os definem. (SOJA, 1971 *apud* RAFFESTIN, 1993, p. 159).

Já Raffestin (1993), define o território como sendo o produto dos atores sociais, que é constituído com base em uma realidade inicial que é o espaço. O território também pode ser entendido como um produto consumido ou vivenciado por aqueles mesmos personagens que, muito embora não tenham participado de sua elaboração, o utilizam como meio.

Em relação à territorialidade, Raffestin (1993, p. 161) menciona que esta se apresenta “constituída de relações mediatizadas, simétricas ou dissimétricas com a exterioridade”, abrangendo ainda elementos de identidade, exclusividade e de limite. Nesse sentido,

Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera, de imediato, a delimitação. Caso isso não se desse, a ação se dissolveria pura e simplesmente. Sendo a ação sempre comandada por um objetivo, este é também uma delimitação em relação a outros objetivos possíveis (RAFFESTIN, 1993, p. 153).

Por esse ângulo, deve-se considerar o sentimento de identidade que os frequentadores da Praça Silveira Martins têm com aquele território. Sentimento este, ligado tanto com o direito à cidade, ao uso de espaços públicos em geral, como também ligado à uma territorialidade já constituída.

Complementando as abordagens anteriores, Saquet (2004) explana que a territorialidade é composta por relações econômicas, políticas e culturais, e, por conseguinte, também acaba por englobar relações sociais, que concretizam redes distintas e um determinado campo de forças. Sendo que a consolidação das redes de circulação e comunicação acaba contribuindo para o controle do espaço. Ademais, estas redes atuam como elementos mediadores da reprodução do poder da classe hegemônica e realizam uma interligação entre o local e o global, e ainda interfere de maneira direta na territorialidade habitual dos indivíduos e grupos ou classes sociais. Lembrando que, esta própria territorialidade é produto das “relações diárias, momentâneas, que os homens mantêm entre si, com a natureza interior e com a natureza inorgânica para sobreviverem biológica e socialmente” (SAQUET, 2013, p. 129). Nesse sentido, Vale *et al.* (2005, p. 16) destacam que se pode observar, “evidentemente, a presença e influência da natureza (nata) no processo de territorialização e na constituição de territorialidades, o que nos remete a uma postura múltipla frente ao território”.

Em relação a territorialidade, vale enfatizar ainda que:

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas, seja no espaço de trabalho, do lazer, da igreja, da família, da escola etc. resultado e determinante do processo de produção de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de dominação de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações (SAQUET, 2013, p. 129).

Nas próximas seções deste artigo, será feita uma breve caracterização do município de Bagé e da Praça Silveira Martins, posteriormente as discussões serão direcionadas para a referida praça, enfatizando sua representatividade histórica na formação do espaço urbano de Bagé, elencando as diversas territorialidades estabelecidas nesta praça, destacando ainda sua funcionalidade ambiental, paisagística e social para os moradores da referida cidade.

4 Breve caracterização do município de Bagé - RS

O município de Bagé está localizado no sudoeste do Rio Grande do Sul (conforme evidencia a Figura 1), sendo o polo da Microrregião da Campanha Meridional, tendo como

coordenadas geográficas 31°19'51" S e 54°6'25" W, estando distante 380 Km de Porto Alegre, capital estadual e cerca de 60 Km da fronteira Brasil-Uruguai. A cidade de Bagé, sua sede municipal, foi fundada em 17 de julho de 1811, estando atualmente com 208 anos, sendo, portanto, uma cidade antiga, repleta de prédios e patrimônios históricos. A altitude média do espaço urbano de Bagé é de 212 metros acima do nível do mar, estando incluído na área de domínio do Bioma Pampa Meridional e Pampa Gaúcho (VAZ, 2010). Possui 4.096Km² de área territorial e sua população estimada segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2018) é de 120.943 habitantes.

Figura 1 - Localização de Bagé no Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Bag%C3%A9>> Acesso em 20 de Dez. de 2018.

Sua economia é baseada principalmente na agricultura, na pecuária e no comércio local. Nesse sentido, Porto *et al.* (2010, p. 477) destacam que Bagé se caracteriza como um município fundamentalmente “de produção agropecuária, com a bovinocultura de corte, bovinocultura de leite, ovinocultura, caprinocultura, equinocultura e lavouras de arroz e soja sendo as suas principais explorações. Conta, também, com áreas cultivadas com milho, sorgo, espécies florestais, fruticultura e hortigranjeiros”.

Segundo Porto (2008), por sua posição geográfica, a cidade de Bagé ficou conhecida como “Rainha da Fronteira”, e desempenhou papel relevante na história do Rio Grande do Sul, desde os tempos do Império. Sendo que nos campos bageenses houveram diversas disputas entre indígenas, portugueses e espanhóis. Ademais, em Bagé ocorreram fatos de grande importância, tais como a Guerra Cisplatina e as Revoluções Farroupilha e Federalista.

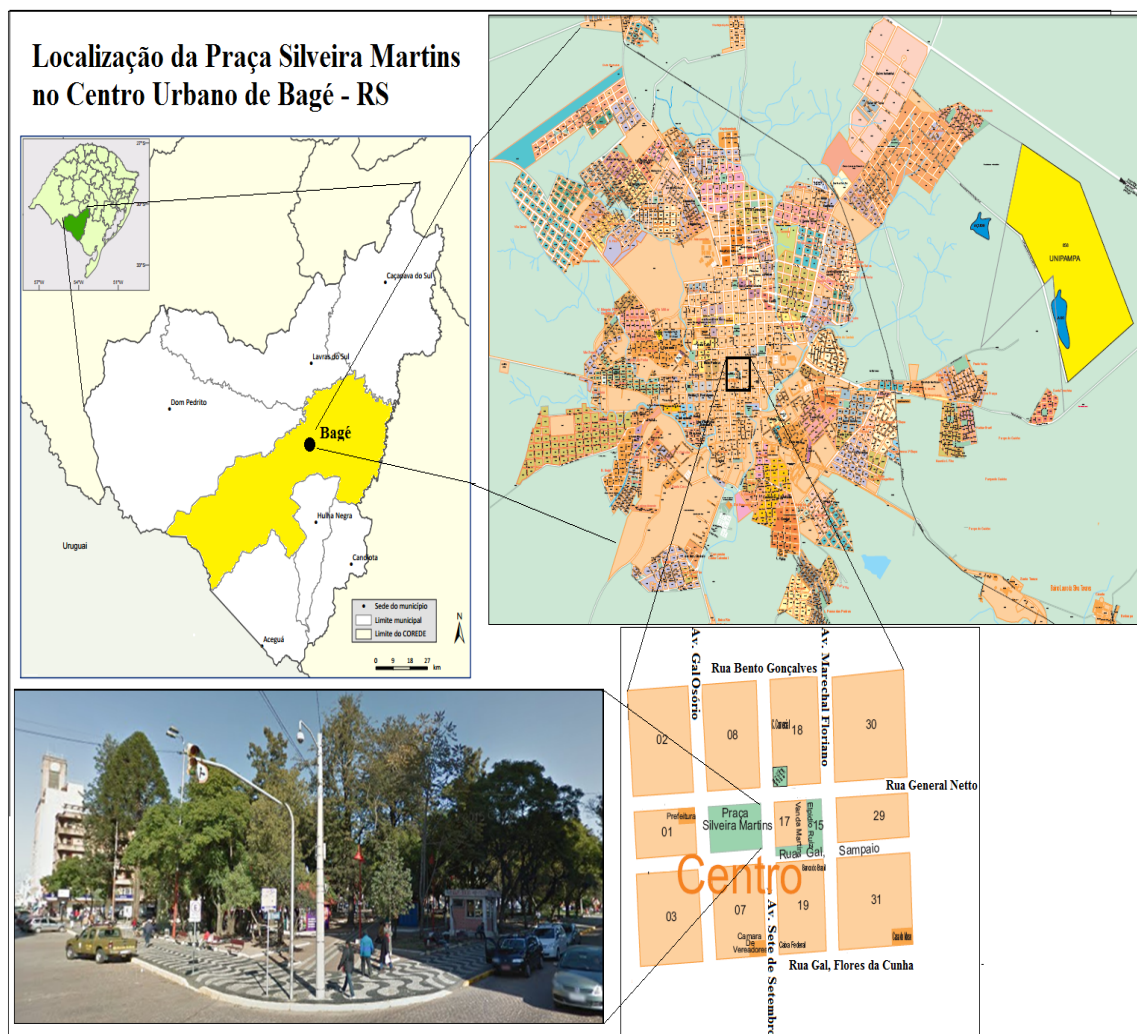
Ainda de acordo com Porto (2008), a povoação da cidade de Bagé se deu de forma gradativa nas proximidades da Praça da Matriz, pois esta área era considerada o núcleo do acampamento militar deixado por Dom Diogo de Souza em 17 de julho de 1811, e foi a partir daquele local que teve início a cidade de Bagé. Salienta-se que no ano de 1820, foi construída uma igreja muito simples, para abrigar uma imagem de São Sebastião, padroeiro da cidade, trasladada em 1813 da Guarda da Coxilha para Bagé.

Ao andar pelas ruas de Bagé pode-se perceber a existência de várias praças espalhadas pela cidade, são cerca de 60 praças distribuídas pela malha urbana, sendo que muitas destas praças foram construídas com diferentes propósitos. Ou seja, enquanto algumas foram idealizadas para embelezar os bairros e promover encontros, outras foram construídas para definir caminhos e estabelecer fronteiras, todavia todas têm a comum intenção de deixar a cidade mais bela e harmoniosa. Ressalta-se ainda que nas proximidades da Praça e da Catedral, onde a cidade de Bagé começou a se desenvolver, as ruas são estreitas, demonstrando a influência portuguesa nos traços urbanos bageenses. Lembrando que, os portugueses foram um dos povos que contribuíram para a colonização desse município.

5 Breve caracterização da Praça Silveira Martins

A Praça Silveira Martins é uma das mais antigas e tradicionais praças de Bagé, reconhecida especialmente pelo seu aspecto histórico. Está localizada na área central da cidade (conforme a Figura 2).

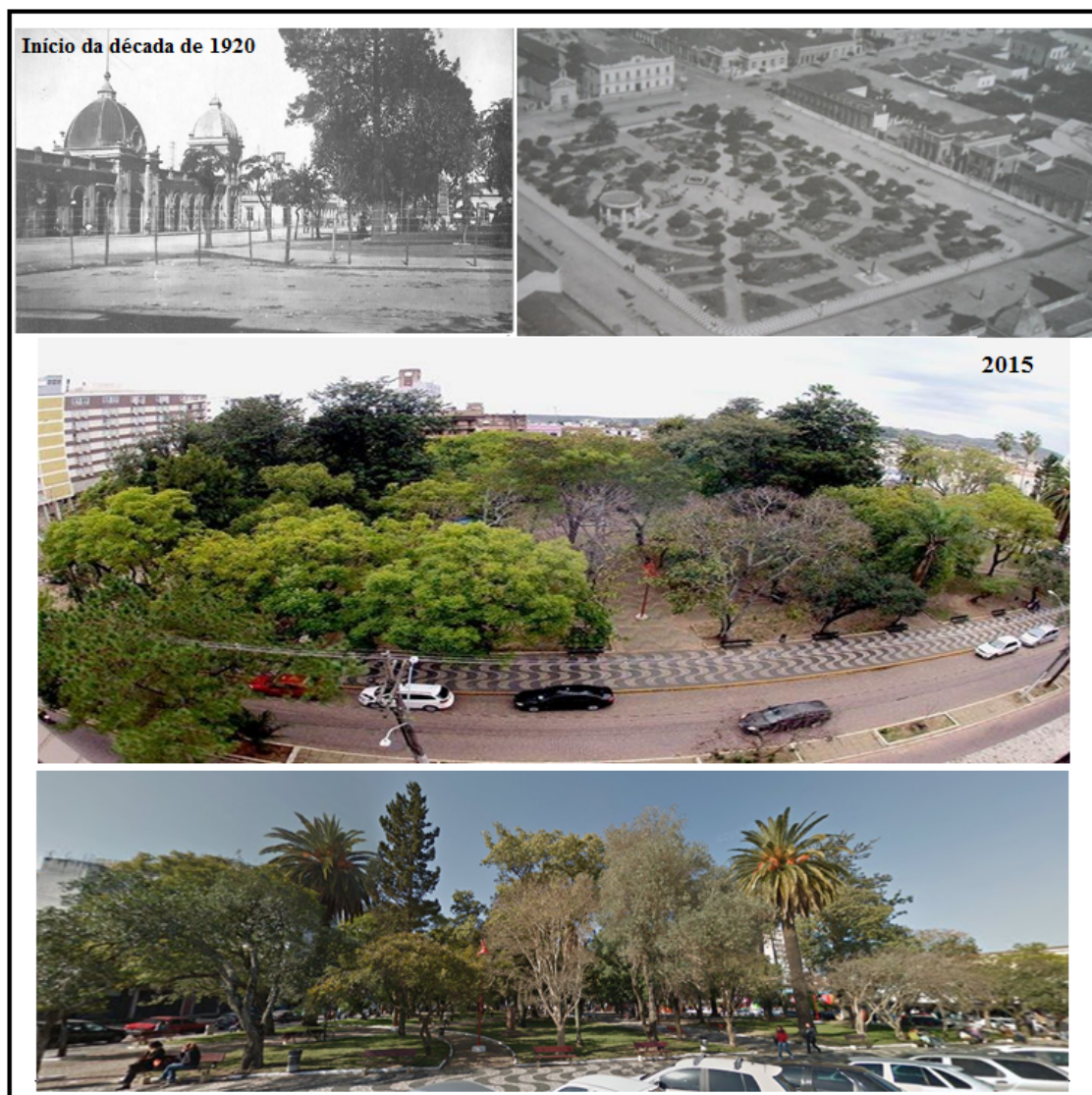
Figura 2 - Localização da Praça Silveira Martins no Centro Urbano de Bagé-RS



Fonte: Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, 2015. Organizado pela autora.

De acordo com as informações do Arquivo Público Municipal de Bagé (2016), esta praça teve, anteriormente, as seguintes denominações: Largo do Conde, Praça do Portão, Praça do Mercado e Praça do Jardim. Na sessão da Câmara Municipal de Bagé, de 18 de julho de 1881, foi denominada Praça Voluntários da Pátria. Em 1884, ela foi cercada com muros e grades. E, finalmente, em 5 de agosto de 1935, ganhou a denominação de Praça Silveira Martins em homenagem à Gaspar Silveira Martins, que foi um magistrado e político que ocupou os cargos de Deputado Provincial, Deputado Geral, Presidente de Província, Ministro da Fazenda e Senador do Império do Brasil, no período de 1880 a 1889. No dia 3 de março de 1970 foi colocada uma estátua em homenagem a Gaspar Silveira Martins nesta praça. Salienta-se ainda que com o passar do tempo, esta praça passou por diversas remodelações, conforme evidencia a Figura 3.

Figura 3 - Vista parcial da Praça Silveira Martins no início da década de 1920 e no ano 2015



Fonte: imagens da internet, cuja a autoria é desconhecida. Disponível em: bage.rs.gov.br> Acesso em 12 de outubro de 2015.

Registros fotográficos realizados durante o trabalho de campo desenvolvido pela autora em 2015.

Na Figura 3 se pôde observar as transformações que ocorreram nesta praça com o passar do tempo, especialmente com relação à vegetação e alguns aspectos da infraestrutura. Cabe salientar que a Praça Silveira Martins, assim como o prédio da Intendência Municipal (Prefeitura), entre outros prédios públicos, foi protegida com cerca de arame farpado durante a Revolução Gaúcha que ocorreu em 1923. O cercamento foi uma estratégia de proteção do território bageense contra os saques e a invação dos revoltosos (maragatos) que lutavam contra o governo estadual da época e que tentavam tomar posse de diversas cidades gaúchas, conforme as informações do Arquivo Público Municipal de Bagé (2016).

A Praça Silveira Martins além de possuir expressivo valor histórico para a cidade de Bagé possui uma grande riqueza paisagística, sendo uma das praças mais bem arborizadas daquele espaço urbano. Além disso, dentro do espaço da referida praça está o Coreto Municipal que foi inaugurado em 15 de novembro de 1927 e que, no passado, serviu de palco para apresentação de bandas municipais e comícios de importantes políticos, dentre eles pode-se citar os ex-presidentes Jânio Quadros e Juscelino Kubistchek, e atualmente abriga a Casa do Artesanato (SITE DA UNIVERSIDADE FEREDAL DO PAMPA – CAMPUS BAGÉ, 2018). Esta praça também possui o Monumento da Independência, o Monumento da Bíblia, alguns bustos de concreto em homenagem à algumas pessoas importantes para a história do Rio Grande do Sul e da cidade de Bagé, mastros para hastear bandeiras, vasos ornamentais de cimento com pequenas espécies ornamentais plantadas dentro, dois chafarizes que foram construídos em 1908, sendo que as duas estátuas de anjos que foram colocados neles vieram do Rio de Janeiro. Infelizmente, atualmente não há mais as fontes, apenas permanecem as estátuas dos anjos na praça. O calçamento desta praça também lembra muito ao calçadão da Praia de Ipanema no Rio de Janeiro. A praça também possui um monumento do Rotary Internacional, vários pontos de taxi e uma banca de jornal.

Conforme se pôde observar na Figura 3, a praça é coberta por grandes árvores que são responsáveis por projetar neste logradouro, grandes sombras durante o dia. Dentre as espécies arbóreas presentes neste logradouro destacam-se exemplares de grande porte da grevílea robusta (*Grevillea Robusta*), da araucária-australiana (*Araucaria Bidwillii*), de jerivás (*Syagrus Romanzoffiana*), algumas árvores de erva-mate (*Ilex paraguariensis*), entre outros.

6 Resultados e discussões

Durante o trabalho de campo se constatou que a Praça Silveira Martins é muito frequentada pela população bageense que costuma ir à praça para passear, praticar atividades físicas, ler um livro, conversar e tomar um chimarrão com os amigos, jogar baralho, levar as crianças para brincar, fazer caminhada com o animal de estimação, acessar a internet (a Prefeitura de Bagé oferece acesso gratuito à internet para a população nesta praça), descansar, etc.

Ademais, esta praça é frequentemente utilizada pela população para a realização de atividades culturais, tais como a feira do livro, feira do artesanato, apresentações folclóricas, comemorações municipais, desfiles cívicos, realização das atividades do projeto intitulado “um

poema em cada árvore”, realizado pelo Instituto Psia e pelo poeta Marcelo Rocha, dentre outras atividades culturais. Esta praça também é utilizada pelos servidores municipais para a realização de protestos e manifestações, também é utilizada para a realização de atividades ligadas aos programas de conscientização, prevenção e realização de exames, desenvolvidos pela Secretaria da Saúde do município, e semestralmente é utilizada pelos acadêmicos dos cursos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade da Região da Campanha (Urcamp) que desenvolvem o projeto “Saúde na Praça”, no qual oferecem informações e orientações sobre saúde, medem a pressão arterial, o Índice de Massa Corporal (IMC) das pessoas, aplicam vermífugos em animais domésticos de pequeno porte, etc. Além disso, a praça ainda é utilizada para a realização da feira para a adoção de cães (Campanha Adote um Cão) (JORNAL MINUANO, 2015).

Destaca-se ainda que em 2018, a Secretaria de Cultura e Turismo (Secult) promoveu o projeto “Samba na Praça”, realizado aos sábados no coreto da Praça Silveira Martins, onde os artistas apresentam os mais tradicionais sambas e pagodes brasileiros. As edições de tal evento têm reunido diversas pessoas, conforme evidencia a Figura 4.

Figura 4 - Público prestigia as apresentações de samba na Praça Silveira Martins.



Fonte: Prefeitura Municipal de Bagé, 2018. Disponível em:
<http://www.bage.rs.gov.br/pmbwp/index.php/2018/02/23/sabado-de-samba-na-praca-silveira-martins/>> Acesso em 17 de fevereiro de 2019.

Por estar situada no centro da cidade de Bagé, a Praça Silveira Martins está localizada nas proximidades de bancos, hotéis, lojas comerciais, da Igreja Nossa Senhora da Conceição, da Prefeitura Municipal, da EMATER (Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural), da Justiça Federal, entre outras. Ou seja, em virtude de sua localização, diariamente, geralmente há um grande fluxo de pessoas circulando por este logradouro.

É importante destacar que a partir da realização do trabalho de campo e das entrevistas, pôde-se perceber que a população bageense engendra um cotidiano urbano típico de cidades de porte intermediário, nas quais, a vida social de seus habitantes ainda mantém fortes vínculos com as suas praças, tornando-as efetivamente territórios de sociabilidade, consumo e lazer.

Os entrevistados relataram que a segurança neste logradouro é satisfatória, muitos costumam frequentar a mesma durante o dia e também durante a noite, especialmente no período de calor mais intenso, e de modo geral, consideram seguro o ambiente desta praça.

Nesse contexto, a entrevistada A, que é vendedora e tem 32 anos, relatou que costuma frequentar com assiduidade a Praça Silveira Martins, principalmente para passar o tempo, enquanto aguarda o horário de algum compromisso. Para se distrair, ela acessa a internet, que nas palavras dela é um serviço público satisfatório. Ela também costuma frequentar a praça no período noturno, mas geralmente somente para acessar a internet, nesse sentido ela comenta que “não tenho o que reclamar da segurança”. “Estaciono o carro e acesso”.

Com relação à limpeza e os cuidados com esta praça, o entrevistado B, que é aposentado e tem 71 anos, relatou que costuma frequentar a praça para passar o tempo e acha esta uma praça bem cuidada e agradável e afirma que não tem o que reclamar da mesma.

O entrevistado C que é autônomo e tem 40 anos, relatou que costuma levar sua filha de 2 anos para passear no local. Em sua opinião, todas as praças da cidade estão em boas condições. A única reclamação que ele fez em relação à praça Silveira Martins é o fato de que a mesma não possui brinquedos para as crianças.

Consoante à fala do entrevistado C, a entrevistada D que tem 18 anos e é estudante, relatou que nesta praça apenas falta brinquedos para as crianças, como seu irmão de 4 anos.

Com relação aos cuidados com esta praça vale destacar que a poda de árvores é realizada periodicamente, bem como a limpeza das folhas e galhos que estão caídos. Contudo, constatou-se que em alguns trechos da praça havia papéis, garrafas plásticas e outros dejetos jogados no chão, evidenciando a falta conscientização dos frequentadores desta praça em mantê-la limpa. Há diversas lixeiras espalhadas por toda a praça, porém, notou-se que algumas lixeiras não têm fundo e dentro das mesmas não foram colocados sacos de lixo. Observa-se nesse sentido, um

descaso por parte do poder público municipal que não readequou estas lixeiras e nem as substituiu para que as mesmas pudessem ser utilizadas.

O entrevistado E que é autônomo e tem 57 anos, relatou que esta praça possui um bom sombreamento e diversos bancos para sentar. O local é agradável e bonito, porém não há bebedouro disponível e o banheiro está sempre fechado.

Durante o trabalho de campo observou-se ainda que esta praça tem sofrido constantes ataques de vândalos, seja através de pichamentos nos monumentos ou na danificação dos mesmos. Além disso, na tentativa de se evitar o vandalismo nos banheiros, os mesmos permanecem quase sempre fechados, sendo abertos apenas nos dias de festejos e atividades culturais.

Sobre a presença de vegetação nas praças públicas é importante destacar que esta constitui um elemento essencial, haja vista que desempenha um papel de significativa importância na composição destes locais, tanto no que se refere ao contato visual que propicia à população, como também pelas suas funções biológico-climáticas (MORIGI, 2016). Destaca-se ainda que ao analisar as características da vegetação presente na Praça Silveira Martins, percebeu-se que a mesma é antiga, todavia, ainda se encontra em situação satisfatória, uma vez que existe uma condição de “equilíbrio” entre os espaços pavimentados e os espaços com vegetação.

No que diz respeito ao porte da vegetação, constatou-se durante o trabalho de campo que há uma predominância de árvores de grande porte, porém estas não têm causado prejuízos à iluminação da praça, especialmente pelo fato de que há diversos postes de iluminação espalhados pelo espaço do logradouro, contudo, os mesmos são de baixa estatura e por esse motivo a iluminação não sofre qualquer bloqueio dos galhos e folhas das árvores. Assim sendo, a praça supracitada tem se mantido com boa iluminação, o que é benéfico para a circulação de pessoas durante o período noturno.

De acordo com Morigi (2016), as praças públicas, por se constituírem como espaços de uso público, merecem uma atenção maior do Poder Público, que deve apresentar um planejamento adequado para sua gestão, onde precisa contemplar algumas ações prioritárias, sobretudo, aquelas atreladas a escolha de espécies arbóreas consideradas mais adequadas para as condições daquele tipo de espaço, ou seja, espécies arbóreas que tenham as condições adequadas para oferecer um bom sombreamento, mas que também sejam de fácil manutenção, que tenham boas condições de resistência a pragas e doenças e que não sejam frutíferas, pois os frutos podem servir de atrativos para vários tipos de insetos, e ainda podem causar acidentes

com pedestres e ciclistas que circulam pelo logradouro, e também podem dificultar o processo de limpeza da praça.

No que tange às condições físico-sanitárias da vegetação existente na Praça Silveira Martins, é importante frisar que durante o trabalho campo, observou-se que a mesma se encontra praticamente isenta de pragas, doenças e danos em sua estrutura, tais como retirada de parte da casca, corte de galhos, presença de ramos quebrados, lascados ou partidos, etc.

Vale ressaltar ainda que os espaços da praça supramencionada, apresenta um caráter estético satisfatório, ou seja, há uma harmonização e uma notória qualidade paisagística, pois, as áreas que possuem vegetação arbórea são totalmente “revestidas” por gramados, e estes, por sua vez, estavam devidamente limpos e aparados. Em relação ao mobiliário urbano daquele logradouro, cabe destacar que o mesmo possui importância significativa, visto que tem atendido ainda que parcialmente às necessidades dos usuários da praça, seja no sentido de socialização deste espaço público como também no sentido de colaborar para a construção da identidade desse espaço, haja vista que, “é esta utilização que em essência, define a função das praças enquanto espaço de lazer e de interação social” (MORIGI, 2016, p. 19). Assim sendo, as praças “devem possuir em suas dependências equipamentos e mobiliários visando atender a sua função social e concomitantemente, estabelecer uma identidade única para si mesma no contexto do espaço urbano que se encontra inserida” (MORIGI, 2016, p. 19).

De modo sintetizado, o Quadro 2 demonstra os resultados da análise realizada sobre os aspectos qualitativos das estruturas e dos equipamentos presentes na Praça Silveira Martins. A partir da análise do Quadro 2 pode-se perceber que tanto a iluminação da praça, como o calçamento, os pontos de taxi, o coreto, as obras de arte, a placa de identificação, a banca de revista e o estacionamento, estão em condições apropriadas para o logradouro. Há cerca de 70 bancos espalhados pela praça, os mesmos apresentam bom estado de conservação, porém alguns estavam sujos de dejetos de pássaros, estando impróprios para serem utilizados.

Quadro 2 - Síntese qualitativa das estruturas e equipamentos da Praça Silveira Martins

												
												
■ Bom ■ Regular ■ Ruim ■ Proposta de implantação												

Fonte: Organizado pela autora com base nos dados obtidos com a pesquisa de campo realizada em 2015.

As propostas de implantação de equipamentos estão representadas pela cor preta no Quadro 2 e foram elaboradas a partir das necessidades identificadas durante a pesquisa de campo. Destarte, foi recomendada a implantação de mais lixeiras e que as mesmas sejam mais bem distribuídas, também se sugere a implantação de mais banheiros. Também se propõe a instalação de bebedouros, pontos d' água, quiosques para alimentação, equipamentos para a terceira idade e a instalação de um parque infantil. A implantação destes equipamentos e mobiliários melhorará a funcionalidade da mesma e poderá deixá-la mais atrativa para a população bageense utilizá-la com maior assiduidade.

De maneira geral, observou-se que a praça supracitada não contemplava uma grande diversidade de equipamentos, mobiliários e estruturas. Além do mais, constatou-se que determinados equipamentos, mobiliários e estruturas, apresentavam condições não satisfatórias, ou seja, estavam em situação regular ou ruim. Algumas lixeiras, por exemplo, estavam quebradas e por conta disso, acabavam prejudicando a manutenção da limpeza e da higiene daquele espaço público e afetando de maneira considerável a sua funcionalidade. Ressalta-se ainda que, os banheiros estavam necessitando de reformas e de uma manutenção mais adequada para assegurar condições de higiene mais apropriadas para os seus usuários. Os chafarizes existentes estão com boa conservação, porém como as fontes d'água foram desligadas, os mesmos estão “armazenando” água da chuva que permanece acumulada por muito tempo e pode contribuir para a proliferação de mosquitos como, por exemplo, o *Aedes aegypti*, transmissor da dengue, febre *Chikungunya* e vírus *Zyca*, conforme retrata a Figura 4.

Figura 4 - Vista parcial do centro da Praça Silveira Martins em Bagé-RS



Foto: Pesquisa de campo realizada pela autora, 2015.

A segurança é considerada satisfatória durante o dia, mas a noite muitas pessoas deixam de frequentar a praça por receio em relação à falta de segurança. O telefone público existente no local também está parcialmente deteriorado por atos de vandalismo. Aliás, os atos de vandalismos ainda podem ser observados nos monumentos e obras de arte que estavam pichados, conforme evidencia a Figura 5.

Figura 5 - Vista parcial da Praça Silveira Martins na área central da cidade de Bagé-RS



Foto: Pesquisa de campo realizada pela autora, 2015.

Pôde-se perceber que a população que frequenta esta praça diariamente ou algumas vezes por semana já possui certo vínculo com aquele território, pois acaba passando boa parte de seu tempo naquele logradouro, vivenciando momentos de lazer, contemplação e interação social. Destarte, pode-se dizer que a partir dos usos da Praça, Silveira Martins, os grupos sociais geram territorialização, que aos poucos, vai delineando a composição deste logradouro, empreendendo diferentes significados no contexto urbano.

Posto isto, conclui-se que o espaço público de Bagé, assim como o de qualquer outra cidade, coliga uma multiplicidade de formas e atividades, com ênfase para o comércio e para os serviços, dando margem às apropriações informais das praças públicas. Essas amalgamações de situações confirmam para a criação de uma imagem polissêmica da Praça Silveira Martins.

7 Considerações finais

A partir do exposto, conclui-se que a morfologia, as características e os principais elementos que compõem a Praça Silveira Martins, dão suporte para a construção de um território repleto de usos e práticas, traçando territorialidades específicas. Por esta perspectiva, a principal definição de espaço público, é que este deve ser considerado como um “espaço de todos”. Ademais, deve-se ressaltar que a praça pública se caracteriza como um elemento de importância significativa na definição, composição e na configuração do território urbano, haja vista que, os processos sociais que a compõe, apresentam-se repletos de simbologias e significados que perfazem a estrutura completa e dinâmica da organização espacial das cidades brasileiras.

Em linhas gerais, cabe enaltecer que apesar de a Praça Silveira Martins apresentar alguns dos equipamentos e estruturas considerados fundamentais para uma praça pública, observou-se que tanto a quantidade, como a manutenção e a variedade dos mesmos têm deixado a desejar em alguns aspectos, dado que não suprem especificamente aquilo que se espera de uma praça pública em seus aspectos mais elementares para atender a população cidadina. Ou seja, a implantação por si só de equipamentos, mobiliários e infraestrutura em um espaço público, pelo Poder Público, não é suficiente, haja vista que é de suma importância que seja colocado em prática um plano apropriado de manutenção, de reposição e também de implantação de novos equipamentos e mobiliários, à medida que as mesmas vão se mostrando necessárias, e nesse aspecto também deve ser considerada a adaptação dos mesmos às condições especiais e as necessidades da população em geral.

Dentro desse contexto também se torna necessária a idealização de ações voltadas para a conscientização da população, especialmente em relação aos cuidados necessários que se deve ter ao se utilizar bens que são de uso comum, visando a preservação dos mesmos. Por conseguinte, a população deve ser conscientizada sobre a importância de se zelar pela cidade, não depredando o patrimônio público, não jogando lixo no chão, não praticando atos de vandalismo nos monumentos e equipamentos, não danificando a vegetação, etc.

É importante destacar a necessidade do Poder Público Municipal desenvolver políticas públicas com a pretensão de priorizar sempre a realização contínua de manutenção e de recuperação das estruturas, dos mobiliários e dos equipamentos, levando em consideração as funções fundamentais da Praça Silveira Martins e também de outros logradouros existentes na cidade de Bagé, “que são a socialização e o lazer, sejam estes de caráter cultural, recreativo, esportivo ou contemplativo” (MORIGI, 2016, p. 23).

Ademais, o Poder Público Municipal também deve priorizar o desenvolvimento de políticas públicas que possam vir a contribuir para a conscientização da população bageense, para que esta seja incentivada a utilizar e frequentar com maior assiduidade os espaços livres existentes na cidade, tomando os cuidados essenciais para não causar danos às infraestruturas, aos equipamentos, aos mobiliários e à vegetação, como uma maneira de impulsionar a qualidade de vida da população cidadina.

Por fim, espera-se que as discussões arroladas neste artigo possam contribuir para a reflexão sobre as territorialidades nos espaços públicos e para incentivar outros pesquisadores a realizarem outros estudos sobre a Praça Silveira Martins e também sobre os espaços livres urbanos no contexto brasileiro, enfocando as questões sociais, econômicas, ambientais, paisagísticas etc.

Referências

ATLAS SOCIOECONÔMICO DO RIO GRANDE DO SUL- 2015. Disponível em: <http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br/inicial>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE BAGÉ. 2016. Disponível em: <http://www.bage.rs.gov.br/arquivo2/index.php/2016/11/18/fotos-antigas-de-bage-8/>> Acesso em 07 de janeiro de 2018.

BARRETO, M. Espaço público: usos e abusos. In. YÁZIGI, Eduardo (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura.** São Paulo: HUCITEC, 1996.

BOVO, M. C. **Áreas Verdes urbanas, Imagem e Uso:** um estudo geográfico sobre a cidade de Maringá-PR. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2009.

BOVO, M. C. AMORIM, M. C. da C. T. Aspectos Paisagísticos e da Infraestrutura em Áreas Verdes Urbanas: os casos de algumas praças centrais de Maringá (PR) Brasil. In: **Anais...** II Simpósio Paranaense de Estudos Climáticos e XIX Semana de Geografia. Maringá, 2010. p. 350-362.

CORADINI, L. **Praça XV: espaço e sociabilidade.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

DE ANGELIS, B. L. D. de. **A Praça no Contexto das Cidades:** o caso de Maringá-PR. Tese de (Doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

Entrevista por meio de uma conversação informal realizada com a Entrevistada A no dia 05 de agosto de 2015.

Entrevista por meio de uma conversação informal realizada com o Entrevistado B no dia 05 de agosto de 2015.

Entrevista por meio de uma conversação informal realizada com o Entrevistado C no dia 05 de agosto de 2015.

Entrevista por meio de uma conversação informal realizada com a Entrevistada D no dia 06 de agosto de 2015.

Entrevista por meio de uma conversação informal realizada com o Entrevistado E no dia 06 de agosto de 2015.

GOMES, P. C. da C. Cenários da vida urbana: imagens, espaços e representações. **Revista Cidades**, v.5, n. 7, 2008. p. 9-14.

_____. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede gaúcha no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2011.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População de Bagé, 2018**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/bage/panorama>> Acesso em 6 de Janeiro de 2019.

JORNAL MINUANO, Bagé, 2015. Disponível em: <https://issuu.com/jornalminuanobage/docs/20150711>> Acesso em 19 de fevereiro de 2019.

LIMA, J. F S. de. **Praças públicas caicoenses: territorialidades, sociabilidades e identidades**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Edições Melhoramentos, 1980.

MORIGI, J. de B. Espaços públicos e territorialidades: um estudo sobre a Praça Silveira Martins na cidade de Bagé- Rio Grande do Sul. In: **Anais... III SEURB – Simpósio Nacional de Estudos Urbanos**. Campo Mourão, 2016, p. 1-25.

OLIVEIRA, M. das M. B. de. A praça em sua expressão cultural: uma interpretação das paisagens das praças goianas. In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (orgs.). **Geografia e cultura: a vida dos lugares e os lugares da vida**. Goiânia: Ed. Vieira, 2008, p. 222-254.

PORTO, R. G. **Caracterização da pecuária familiar na região da Campanha Meridional: estudo de caso no município de Bagé-RS**. Dissertação (Mestrado em Sistemas de Produção Agrícola Familiar), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

PORTO, R. G.; BEZERRA, A. J. A.; PORTO, V. H. da F.; CALDAS, N. V. Pecuária Familiar: a emergência de uma categoria social do Sul do Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. v.48. n.2. p. 473-494. Abr./Jun. 2010

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REIS FILHO, N. G. **Contribuição ao estudo da evolução urbana no Brasil (1500/1720)**. São Paulo: EDUSP, 1968.

ROBBA, F.; MACEDO, S. S. **Praças brasileiras**. São Paulo Edusp, 2003.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

SAQUET, M. A. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, Alexandre D.; SPÓSITO, Eliseu S. (orgs.). **Território e Desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004, p. 121-147.

_____. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SERPA, A. **O Espaço Público na Cidade Contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, A. F. Cinema na Praça: sociabilidade e modificações das relações de usos em praças na cidade de Salvador-Ba. In: **Anais... VI Congresso Português de Sociologia**, Lisboa – Portugal, 2008, p. 1-9.

SILVA, G. L. C. da.; MASSAU, G. C. **A dinâmica das interações sociais nos espaços públicos da cidade de Pelotas**. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgs/files/2017/03/Gerson-R.-Expandido.pdf>> Acesso em 13 de julho de 2019.

SITE DA UNIVERSIDADE FEREDAL DO PAMPA – CAMPUS DE BAGÉ, 2018. Disponível em: <http://porteiras.unipampa.edu.br/bage/component/content/article/88-pontos-turisticos>> Acesso em 20 de fevereiro de 2019.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de (Org.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SUN, A. **Projeto da praça**. Convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Ed. Do SENAC, 2008.

VALE, A. L. F.; SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A. dos. O território: diferentes abordagens e conceito-chave para a compreensão da migração. **Revista Faz Ciência**. v. 7, n. 1, p. 11- 26, 2005.

VAZ, H. U. **A formação territorial na região da campanha meridional: a organização socioprodutiva da propriedade familiar no distrito de Palmas – Bagé/RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.